

Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(2): 375-391, Jul./Dez. 2008

**O BRASIL PELO OLHAR DO OUTRO: REPRESENTAÇÕES DE ESTRANGEIROS
SOBRE OS BRASILEIROS DE HOJE**

**BRAZIL AS SEEN BY OTHERS: FOREIGNERS' REPRESENTATIONS OF
BRAZILIANS NOWADAYS**

DENISE SCHEYERL*
SÁVIO SIQUEIRA**

RESUMO: Bárbaro, grosseiro, melancólico, preguiçoso, malandro, por um lado e, por outro, exótico, alegre, cordial. Essas são algumas das imagens tradicionalmente associadas por estrangeiros e até mesmo por sociólogos, antropólogos e escritores nativos à representação do brasileiro. Partindo de imagens construídas desde o descobrimento do Brasil, pretende-se confrontá-las com impressões e visões de estrangeiros construídas contemporaneamente, antes de suas vivências no país, pontuar de que modo elas se transformaram e/ou se reforçaram após o contato com a cultura brasileira e, finalmente, complementar esse quadro com questões pertinentes à constituição da identidade de um povo.

Palavras-chave: identidade nacional; brasilidade; representações de estrangeiros.

ABSTRACT: Barbarian, rude, melancholic, slothful, cunning on one side, exotic, happy, courteous, on the other. These are some of the images associated to a Brazilian typology by foreigners and even by native sociologists, anthropologists, and writers. Departing from images which date from the discovery of the country, the article aims to confront them with foreigners' impressions and visions built and assumed before their real contact with Brazil and the Brazilian culture, and point out whether these contemporarily pre-fabricated impressions changed or remained the same, or if they were simply reinforced. Finally, the study proposes to complement this overall picture bringing up questions which relate to the process of building up the identity of a people.

Keywords: national identity; Brazilian identity; foreigners' representations.

* Denise Scheyerl, doutora em Linguística Teórica pela Ludwig-Maximilian Universität München (RFA), é professora de Língua Alemã nos cursos de graduação do Departamento de Letras Germânicas do Instituto de Letras da UFBA e de Linguística Aplicada no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da ANPOLL. Bahia, Brasil. dscheyerl@hotmail.com

** Sávio Siqueira, doutor em Letras e Linguística pela UFBA, é professor do Programa de Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Salvador (UNIFACS), coordenador acadêmico e professor da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), Salvador. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da ANPOLL. Bahia, Brasil. savio@acubahia.org.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Você só vai poder ser tudo depois que for você! ... Temos de ser tudo, mas antes temos de ser nós, entendeu? ... Tudo, tudo, tudo, tudo! ... Viva o povo brasileiro, viva nós!

General Patrício Macário, in RIBEIRO, J. U., *Viva o povo brasileiro*, 1984, p. 663.

O Brasil e os brasileiros vistos, principalmente, por estrangeiros, em especial, por americanos e europeus, é o que será retratado neste texto. Trata-se de uma tarefa a ser desenvolvida em dois planos. No histórico, pela reconstituição de depoimentos e impressões nacionais ou estrangeiras que se alternam e ainda perduram desde o nosso descobrimento. No antropológico, porque a análise das representações que os povos têm sobre si e sobre outras culturas possibilitam a reflexão sobre confrontos étnicos e entre modos diferentes de viver; ajudam, enfim, a desenvolver uma maior compreensão sobre choques culturais.

Muito se tem tematizado e polemizado acerca de representações da identidade do brasileiro. De modo a contribuir para o debate a respeito dessas representações, recuperaremos aqui, inicialmente, as observações de alguns dos estudiosos a respeito do tema para, em seguida, compará-las com visões atuais de estrangeiros sobre a identidade nacional. Com isso, pretendemos registrar e problematizar algumas questões recorrentes na discussão sobre o que seria *brasilidade* e entender um pouco mais, tanto os traços negativos, quanto os positivos atribuídos por informantes estrangeiros ao perfil do brasileiro.

O artigo ancora-se em uma perspectiva transdisciplinar (Cavalcanti; Bortoni-Ricardo, 2007), dialogando com vários campos do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a História e os Estudos Culturais, tendo como fio condutor a interface *identidade e linguagem*. Nesse sentido, buscamos aqui focalizar a discussão do que é *ser brasileiro* através do olhar do outro e desmistificar concepções estereotipadas, além de mostrarmos como a história dessa identidade vem sendo construída.

DA FISIONOMIA DE UM POVO

Não é somente pelas particularidades de sua vida, de seus costumes, de sua língua e de suas instituições que um povo se distingue dos outros. É também pelo modo como se representa o que seria o “seu temperamento ou caráter coletivo”. Para Azevedo (1963, p. 203), por exemplo, o caráter coletivo de um povo seria uma síntese de elementos os mais diversos, concordantes e resistentes, que se combinariam ou tenderiam a combinar-se, marcando a “fisionomia original” de uma nação. A construção dessa configuração identitária poderia ser explicada na sua formação, pois seria produto de grande variedade de fatores geográficos, étnicos, econômicos e sociais, dos quais os dois primeiros têm um papel importante, mas não preponderante.

De acordo com Ribeiro (1995, p. 72/73), somos a promessa de uma nova civilização remarcada por singularidades, principalmente africanidades. Já, por isso, aparecemos a olhos europeus como *gente bizarra*, o que, somado à nossa tropicalidade índia, torná-ria-nos *exóticos*.

Sabemos que não é de hoje que nós, povos nascidos nos trópicos, somos vistos como *primitivos, preguiçosos, malandros, desocupados* e tratados por muitos, mesmo agora, no século XXI, como *sub-raça*. Ainda somos para muita gente os *bons selvagens* ou os *malemolentes* do sul do Equador. É claro que tais representações trouxeram e ainda trazem, no seu âmago, uma carga de preconceito historicamente construído e que, com certeza, não se dissipará facilmente. Sempre que houver uma oportunidade, por mais banal que seja, seremos de novo, mais uma vez, lembrados por nossa condição de inferioridade, de *seres menores*.

Não somos e ninguém nos toma como extensões de inúmeras identidades. Não se enxerga os nossos tantos outros valores, a ponto de se ignorar qualquer dimensão intelectual brasileira. Contudo, nós próprios contribuímos para a disseminação da idéia de sermos produtos exóticos. Como esse conceito é a regra e não a exceção, “não deveríamos nos aborrecer quando estrangeiros se espantam ao saber que aqui há professores fantásticos, grandes universidades, escritores e até mesmo editoras” (Luft, 2004, p.24), “uma riquíssima Biblioteca Nacional” (Gruzinski, 2004, p.53) ou cientistas tão criativos que viabilizaram a produção dos carros ‘Flex’ (VEJA, No. 1941, 01/02/06, p. 90), hoje uma referência mundial.

Quando se lida com visões estereotipadas de brasilidade, nunca se fala dos brasileiros como produtores de idéias, por exemplo. Por quê? Porque somos sempre colocados em situação de dependência, de colônia. Aceita-se, facilmente, o Brasil como o país da música, do futebol, do carnaval, mas tem-se dificuldade em definir o país como terra de intelectuais, como Gilberto Freyre, por exemplo, que só teve uma obra traduzida para o francês. Algumas vezes, a imagem projetada do país reflete uma visão simpática que apenas perpetua um sistema de dominação, através do qual os latino-americanos continuam sendo retratados como produtos exóticos, enquanto os europeus permanecem como os detentores de saberes ou, na visão de Ribeiro (1995, p.64), como “impérios mercantis salvacionistas”.

A complexidade de um caráter coletivo e a variedade de influências que concorreram para modelá-lo e transformá-lo bastariam para mostrar as dificuldades que se apresentam a quem se proponha, não só a esboçar um quadro sistemático e explicativo do caráter brasileiro, mas a fixar-lhe um certo número de traços, recolhidos em observações e estudos, e de que se desprenda uma impressão de conjunto. Além disso, como argumenta Azevedo (1963), não é somente na literatura, na música, nas artes plásticas, na estrutura institucional, no mecanismo e nos processos da vida política ou na religião que uma sociedade exprime o seu caráter e suas tendências mais profundas, mas “também na organização típica da família e nos ideais e processos educativos” (Azevedo, op. cit, p.234). Um exemplo disso emerge claramente nos estudos de Gilberto Freyre (1963) sobre a organização da família patriarcal, no Nordeste, com o ciclo da cana-de-açúcar, e semi-patriarcal, no Sul, com o ciclo do café, e sua influência na formação do caráter nacional.

O Brasil é uma sociedade interessante porque contém uma ambigüidade de raiz, é “um país dos contrastes” (Mello Franco, 1936, p.7). Ele é, ao mesmo tempo, moderno e tradicional (DaMatta, 2004, p. 69). Assim, a sociedade brasileira não pode ser entendida como um todo homogêneo, na base de uma só causa ou de um só princípio social.

DO BOM GENTIO AO HOMEM CORDIAL – ALGUMAS REPRESENTAÇÕES SOBRE O BRASILEIRO

A mais antiga representação de um estrangeiro sobre o Brasil materializa-se na carta a El Rei D. Manuel de Pero Vaz de Caminha, datada de 1º de maio de 1500. Seu relato, de acordo com Arroyo (1963), é baseado não só em descrições, mas também em presunções do que via.

Inicialmente, os brasilíndios são descritos por sua “barbaria” e que, por essa razão, deveriam ser amansados e apaziguados. Segundo Caminha, tratava-se de gente “bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva”. Continua ele que “apesar de tudo isso andam bem curados, e muito limpos... São como aves, ou alimárias montesinhas, as quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais!”. Isso o fez “presumir que não têm casas nem moradias em que se recolham, e o ar em que se criam os fez tais” (Arroyo, op. cit. p.14).

Caminha conclui que a gente é boa e de bela simplicidade e de tal inocência que “se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências, ... uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos” (Arroyo, op. cit., p.19).

Logo após a curiosidade inicial, os índios passaram a ser vistos como canibais, comedores de carne humana, totalmente detestáveis e carentes, susceptíveis de salvação. Já a terra *brasilis* é muito chã e muito formosa, em tal maneira graciosa que “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo” (Arroyo, op. cit., p.22).

Com a chegada dos escravos da África, mudando a fisionomia do lugar, surgem comentários expressivos como aqueles encontrados nos textos de Gregório de Matos Guerra (1633-1696), um dos primeiros intelectuais brasileiros que adorava zombar da nova população brasileira, mostrando uma Bahia cheia de negros e mulatos. Fazendo uso de sua verve crítica, Matos Guerra deixa um registro precioso de como esses últimos eram vistos pelos brancos:

Não sei, para que é nascer
neste Brasil empestado
um homem branco, e honrado
sem outra raça.
Terra tão grosseira, e crassa,
que a ninguém se tem respeito
salvo quem mostra algum jeito
de ser Mulato

(Matos Guerra *apud* Amado, 1990, p.1164)

Matos Guerra retrata o mundo multirracial da Bahia nas seguidas estrofes:
Xinga-te o negro, o branco te pragueja;
E a ti nada te aleija:
E por teu sem sabor e pouca graça,
És fábula do lar, rizo da praça.
Ah! Que a balla, que o braço te levára,
Venha segunda vez levar-te a cara!

(Matos Guerra, *apud* Amado, 1990, p.79)

Contudo, interessante testemunho daqueles tempos deve-se também ao frei baiano Vicente do Salvador, intelectual capaz de lançar um olhar sobre o Brasil com um sentimento de solidariedade com a nossa gente e mostrando uma consciência crítica que só iria surgir muitos anos depois com Tiradentes. Quando dá por concluída a sua *História do Brasil*, de 1627, o frei, desvencilhando-se da visão lusocêntrica, assume com coragem: “Sou de 63 anos e já é tempo de tratar só de minha vida e não das alheias” (*apud* Ribeiro, 1995, p.136), o que nos remete ao surgimento do que o antropólogo Antonio Risério viria chamar de verdadeira contra-História.

No seu livro *Retrato do Brasil – Ensaio sobre a ‘tristeza’ brasileira*, segundo a categorização do próprio autor, Paulo Prado (1962) vê na luxúria e na cobiça dois traços marcantes do “caráter brasileiro”. São eles, em sua opinião, que caracterizaram no tempo os nossos antepassados; e, desses traços resultou a tristeza que, por sua vez, cristalizou, no século XVIII, a alma da nova raça a que o africano veio trazer a sua colaboração como exilado e como escravo. Esclarece, assim, Prado (*op. cit.*) que no Brasil, por um lado, a tristeza sucedeu à intensa vida sexual do colono e, por outro, a cobiça deu lugar a um igual quadro de melancolia em virtude da inutilidade do esforço pela busca afanosa do ouro.

Para Campos (1933), no entanto, é um equívoco ver o brasileiro como um povo triste. O nosso indígena, isoladamente, acrescenta o escritor, era de fato taciturno. Mas ser taciturno, uma característica dos povos caçadores, pela própria exigência da ocupação, não é ser triste. Dessa forma, defeitos ou traços de caráter, como a tristeza, a imprevidência e o desapego da terra, intimamente ligados a determinados estágios de nossa evolução, segundo antropólogos, e destinados a desaparecer ou a alterar-se com as modificações na estrutura social, são erroneamente atribuídos à influência do índio e do negro e considerados como aspectos típicos e raciais de nossa civilização. São, os índios e os negros, como os qualificou Reis, “os bodes expiatórios” (1937 *apud* Azevedo, 1963, p. 208).

Segundo Azevedo (*op. cit.*, p.212), de todos os traços distintivos do brasileiro e que constituiriam tanto a sua força como a sua fraqueza, seria a bondade que pareceria emanar da alma do povo, do seu “temperamento natural”. Seria dessa bondade que brotaria a sensibilidade ao sofrimento alheio, a tolerância, a hospitalidade e tantas outras manifestações de afetividade. Aliás, segundo Azevedo, se os estrangeiros vivem entre nós quase como em sua pátria e, se se adaptam tão facilmente às diferentes regras do Brasil, é porque a nossa terra seria mais maternal, mais doce, mais acolhedora e mais humana.

É exatamente desse princípio de cordialidade para com os povos e as raças mais diversas de que também nos fala Sérgio Buarque de Holanda. O princípio em questão foi certamente favorecido, nas suas origens e no seu desenvolvimento, pelo processo de formação inicial do povo brasileiro, para o qual contribuíram tantas etnias. Em um país que se originou da mistura dessas etnias, a tolerância tinha de surgir como um sentimento espontâneo. Como argumenta Azevedo (1963), lembrando as observações de Freyre (1963, p.213), “o contato do negro deve ter também concorrido para apurar os tesouros sentimentais que acumularam a religião e fusão de raças”. Esse contato, segundo Freyre,

deu-nos... a revelação de uma bondade maior que a dos brancos, de uma ternura como não a conhecem igual os cristãos; de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação e a religiosidade do brasileiro (Freyre, op. cit., p.165).

Contrapondo-se ao que é visto frequentemente como sendo a nossa “característica essencial” – a cordialidade – que faria do brasileiro um povo por excelência gentil e pacífico, Ribeiro (1995, p. 167-168) lembra que o processo de formação do povo brasileiro, pelo entrelaçamento de seus contingentes índios, negros e brancos, é altamente conflitivo. O autor chega a afirmar que os conflitos interétnicos sempre existiram, opondo inicialmente as tribos indígenas umas às outras, e, intensificando-se depois, com a chegada dos europeus, configurando-se como uma macroetnia expansionista.

Assim, segundo Ribeiro (op. cit.), os enfrentamentos de ordem étnica, social, econômica, religiosa e racial que vêm desenhando a sociedade brasileira, desconstróem a imagem antológica do “homem cordial”.

DO PREGUIÇOSO AO MALANDRO: O CALOR IMPEDE A CIVILIZAÇÃO?

O século XIX, com a transferência da família real portuguesa para o Brasil, abrigou um caloroso debate sobre teorias que divulgavam a supremacia do clima frio-temperado e, por conseguinte, da civilização européia. Segundo essas teorias, o clima tropical seria o responsável pelo relaxamento do organismo e, conseqüentemente, pela preguiça, determinando, assim, as características de um país. Dessa forma, o Brasil estaria fadado ao eterno atraso e à incivilidade.

Após quatro anos de pesquisas históricas, Zanlorenzi (2005), em sua tese de doutorado, concluiu que o conceito de preguiça associado principalmente a estados onde o índice de negros atinge 79% da população, como na Bahia, derivou do discurso discriminatório contra negros e mestiços. Segundo a pesquisadora, a atribuição da preguiça aos baianos tem um teor racista. A imagem de povo preguiçoso se enraizou no próprio estado, por meio da elite portuguesa, que considerava os escravos indolentes e preguiçosos devido às suas expressões faciais de desgosto e à lentidão na execução dos serviços. Esse ponto de vista, ainda hoje eventualmente defendido, coincide historicamente com o surgimento da figura do *malandro*.

À margem do que postula Hall (2005) acerca da “crise de identidade” em que descentramento, deslocação ou fragmentação são características centrais, há quem ainda acredite no conceito de identidade fixa e imutável. Para esses, a figura do *malandro preguiçoso brasileiro* ainda resiste como uma das nossas representações identitárias mais marcantes.

Segundo Barbosa (2004), no prefácio do livro *Uma história não contada – Negro, racismo e branqueamento em São Paulo* (SENAC, 2004), de autoria de Petrônio Domingues, a questão da malandragem é algo bastante complicado e até hoje não se tem um conhecimento rigoroso da origem do termo. Diz o autor que, de acordo com a tradição

mediterrânea, o malandro nada mais seria que um elemento resultante da diáspora de parte dos *kazândias*, que se recusaram a se converter ao judaísmo na Baixa Idade Média:

[n]esse caso, os ciganos seriam os turcos que mantiveram o seu sistema familiar, ao passo que os “habitantes da terra má” (mallander) seriam aqueles que abandonaram a estrutura familiar própria dos turcos. Seriam, assim, “malandros” aqueles milhares de imigrantes turcos despejados pelo Bósforo no Mediterrâneo, e encontráveis em todas as cidades, particularmente no arco que vai da Sicília às Ilhas Maiorcas, compreendendo Nápoles, Gênova, Nice, Marselha e Barcelona. Dedicados desde sempre à pesca, à marinharia, ao pequeno comércio, ao entretenimento nos mercados e vias públicas, os representantes da terra má evidentemente atraíam os perseguidos de todas as partes, os preteridos, os aventureiros, os alijados e se associavam a eles. Assim, desde logo, os malandros haveriam de se caracterizar como espertos nas artes de lograr a autoridade, enfrentar a polícia, praticar com êxito os jogos de azar, a magia, a prostituição, etc (Barbosa, op. cit., p.4).

É possível que tenhamos tido a nódoa do *malandro* grudada à nossa matriz nacional a partir da publicação de *Macunaíma* de Mário de Andrade, lançado no ano de 1928. De acordo com Rodrigo Cavalcante, em reportagem para a *Super Interessante* de setembro de 2005, as desventuras de Macunaíma já revelariam a essência malandra e mestiça do caráter nacional. Mas segundo o catedrático Antônio Cândido, em depoimento a Cavalcante, o primeiro malandro da literatura brasileira teria surgido muito antes, no século 19, com o personagem Leonardo Pataca, do livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (Cavalcante, 2005, p.72).¹

Se a literatura registrou e ilustrou essas marcas atribuídas ao caráter nacional, uma visita aos escritos de um dos nossos mais célebres historiadores, Sérgio Buarque de Holanda, vem endossar o olhar (estereotipado) europeu sobre toda a América Latina. Surpreendentemente, no seu livro *Raízes do Brasil* (1963), Holanda afirma que uma das características mais marcantes dos povos ibéricos seria exatamente a pouca simpatia ao trabalho e uma atração maior pela aventura. Diz o autor:

Um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psicologia desses povos é a invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho (Holanda, op. cit., p.12).

Segundo Lilia Schwarcz, em entrevista a Cavalcante (2005), a figura do malandro advém provavelmente da suposta postura do mulato brasileiro que “dribla o preconceito e consegue uma certa ascensão social por meio de favores conquistados com ginga e simpatia” (Cavalcante, op. cit., p.72). O antropólogo Roberto DaMatta, por sua vez, afirma que a malandragem e o famigerado “jeitinho” andam de mãos bem dadas. Definido por ele como, “um modo simpático, muitas vezes desesperado e quase sempre humano,

¹Embora de origem ibérica, é oportuno mencionar as histórias de Pedro Malasartes, que chegaram ao Brasil no final dos anos 1930, depois de tornarem-se famosas também em outros países com nome diferente para o personagem principal. Malasartes era um tipo burlão invencível, astucioso, cínico e inesgotável de expedientes e desenganos, sem escrúpulos e sem remorsos. Um verdadeiro malandro que com suas histórias encantou a infância e instigou a imaginação de muitas crianças brasileiras.

de relacionar o impessoal com o pessoal, propondo juntar um objetivo pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, rigidez das normas, etc.) com um obstáculo pessoal” (DaMatta, 2004, p.48), a *malandragem* é apenas um outro nome para a forma de navegação social nacional que faz precisamente o mesmo que o *jeitinho*. Conclui o autor que “o malandro, portanto, seria um profissional do *jeitinho* e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DaMatta, 1984, p.102).

Indagando ainda por que e quando os brasileiros começaram a ser vistos como malandros, e como essa imagem negativa se espalhou por diversas partes do mundo, Cavalcante (op. cit.) argumenta que tudo aconteceu em 1943, em plena Segunda Guerra, após uma visita de Walt Disney ao Brasil, como parte da chamada “política da boa vizinhança” dos EUA, ou o que Tota (2000) chama de “estratégias de um imperialismo sedutor”. Segundo Cavalcante, ainda na mesma obra, naquele ano, o Pato Donald apresentaria um novo companheiro no filme *Alô, Amigos*.² O nome desse companheiro seria ninguém menos que Joe Carioca, para os americanos, ou Zé Carioca, para os brasileiros, aquele já bastante familiar papagaio simpático e conversador que habitava os morros do Rio de Janeiro e que, com sua alegria e gingado, levava a vida “na flauta”. Afirma, assim, Cavalcante (2005, p.71-72), que “dali em diante, a imagem do brasileiro se firmava como a de uma espécie de *bon vivant* tropical, cheio de ginga, que não se adaptava a empregos formais e vivia de ‘bicos’”. Estava criado, então, para sempre e de uma forma bastante convincente, um dos estereótipos mais poderosos, onipresentes e persistentes do “caráter brasileiro”: o malandro, que, desta forma, alcançou e firmou sua fama mundial.

Por mais que se tente, parece ser muito difícil desvincular o brasileiro dessa imagem nociva da malandragem e do *jeitinho*, visceralmente associada ao caráter do habitante dessa terra. Mesmo sabendo que não se pode tomar identidade como algo monolítico, a figura do malandro brasileiro parece resistir no imaginário de muitos. Na verdade, ao longo do tempo, desde a época da ação disciplinadora do Estado varguista, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, quando surge, contraposta à ideologia do trabalho, a figura do malandro carioca sambista vestindo camisa listrada, logo nacionalizada (Paranhos, 2004), conquistou grande visibilidade. Ela foi tratada e propagada com certo glamour e leniência através da música, do cinema, do teatro e de outras manifestações populares brasileiras.

A corrupção, infelizmente, ainda assola gravemente as mais diversas sociedades, inclusive a brasileira. Em um mundo globalizado como o de hoje, a cada escândalo que surge, a cada experiência negativa que se divulga sobre o país - casos flagrantes de fraudes, falcaturas, rouba-lheira de dinheiro público, atos de corrupção ativa e passiva, de sonegação e pirataria – sua imagem afunda e chafurda no estereótipo de “reino latino-americano da malandragem” (não é à toa que os bandidos de Hollywood fugiam para o Rio de Janeiro). O

² É interessante notar que, dando mostras de ignorância em relação ao Brasil, a sua língua e a sua cultura, o filme de Disney tinha como título original *Saludo, amigos* em espanhol, título depois mudado para o americanizado *Alô, Amigos*.

mundo, diante de tais fatos, tende a generalizar e a continuar vendo o Brasil dessa forma: o Brasil do *malandro*, do *jeitinho*, da pirataria, da falsificação.

OPERFILDOBRASILEIRO NO SÉC. XXI SEGUNDO ESTRANGEIROS: AINDA SOMOS VISTOS COMO ANTES?

A investigação relatada neste trabalho envolve dados derivados de um levantamento realizado entre outubro e novembro de 2005 com 15 (quinze) estrangeiros das seguintes nacionalidades: alemã (2), americana (7), australiana (2), chilena (1), indiana (1), malaia (1) e vietnamita (1). Dentre os entrevistados, cinco moram no Brasil permanentemente; cinco não residem aqui, mas visitam o país regularmente e cinco estavam de passagem. Os entrevistados tinham entre 20 e 55 anos e escolaridade de nível superior. Desses, o que tem mais tempo de permanência no país, está no Brasil há quase 30 anos, tendo chegado aqui no final da década de 1970. O estrangeiro com menor vivência estava no país há quatro meses no período em que o levantamento foi realizado. Os informantes foram escolhidos tomando-se como critério a tentativa de se obter um quadro que apresentasse uma visão mais abrangente possível da diversidade não-nativa.

A pesquisa em questão é de natureza qualitativa, sendo utilizado apenas um único instrumento de coleta de dados – um questionário – contendo duas perguntas abertas respondidas por escrito pelos informantes:

1. *Que imagens sobre o Brasil e os brasileiros você tinha antes de vir para o nosso país? Com o quê você os associava?*

2. *O que mudou, o que permaneceu sobre o modo como você vê o país e o seu povo após a sua estada no Brasil?*

Como já era esperado, as respostas de muitos informantes, além de fazerem referências a brasileiros conhecidos internacionalmente, não fugiram à regra das generalizações e estereótipos sobre o nosso país já bastante cristalizados e difundidos:

Eu sabia alguma coisa que aprendi na escola. Os problemas ambientais da Amazônia, carnaval, Pão-de-açúcar, Corcovado, criminalidade, inflação. (Alemão)

Clichês como carnaval e futebol, violência, drogas e favelas. A imagem de um lugar selvagem, onde havia extremos, tanto positivos quanto negativos. (Australiano)

Clima tropical, mulatas, samba, futebol e carnaval. Junto com isso, um país com muita pobreza e baixos índices educacionais. (Chilena)

Imagem de um lugar selvagem. (Australiano)

Futebol (Flamengo) e as vitórias de Ayrton Senna. (Malaia)

Muitas árvores e florestas. (Americano)

País de língua espanhola, a terra de Pelé, Carmen Miranda. (Indiano)

Parecido com a Jamaica, praias e clima perfeitos. (Americana)

Curioso e até intrigante foi perceber o modo como algumas das imagens dos nossos informantes de hoje coincidem com aquelas construídas no passado aqui lembradas nas seções anteriores. Assim como, por exemplo, Humberto de Campos (1933 *apud* Azevedo, 1963, p. 208) apontou o amor dos índios à galhofa, às pilhérias e às grandes folganças quando reunidos (com o exclusivo propósito de alegrar o estrangeiro) como características que passaram a constituir a identidade nacional, também os nossos informantes evocaram a alegria e a afetividade como traços identitários do povo brasileiro:

País da alegria, sem muitas preocupações... país de um povo misturado, afetivo, caloroso, paciente e que gosta de compartilhar. (Chilena)

Muitos (são) afrodescendentes, pessoas mais felizes... (Americana)

(É) um povo aberto aos estrangeiros que gosta de festas e praia (Australiana).

De alguma forma, influenciados pelas informações negativas sobre o Brasil veiculadas com certa frequência pela mídia internacional, nossos informantes salientaram a situação de violência e perigo que aflige muitas cidades brasileiras:

País violento, inseguro e perigoso... (dado a) jeitinho em todos os níveis sociais. (Vietnamita)

Corrupção, desigualdade, pobreza, preconceitos dos mais diversos também foram mencionados, como relata um visitante alemão:

Quase todos os nossos preconceitos foram comprovados. O nível de corrupção política e a fragilidade das instituições democráticas são piores do que pensávamos.

Por outro lado, pôde-se observar, em especial entre os mais jovens, que, embora alguns deles também façam referência a clichês, de um modo geral, suas respostas demonstram um conhecimento menos superficial do Brasil, isto é, um reconhecimento da complexidade do país:

Achava que a maioria do povo se identificaria como afro-brasileiro. (Americano)

A partir do que via na televisão americana, o Brasil era um país de dois grandes extremos. As paisagens pitorescas e beldades em biquínis, sugerindo o país como um paraíso na terra; de outro lado, violência cruel, tragédias sociais, um lugar atingido por uma miséria abjeta. (Americana)

A história da colonização portuguesa era evidente nas cidades coloniais, que o povo brasileiro era aberto aos estrangeiros; que tinha muita influência dos africanos e da escravidão; que existiam muitas diferenças entre pobres e ricos. (Alemão)

Sabia que a língua oficial era o português, que tinha sido uma colônia, além de ter problemas ambientais na Amazônia. (Alemão)

Meninos abandonados na rua, roubando para comer e cheirando cola; crianças sendo molestadas por pais desempregados; meninas de 12 anos vendendo o corpo para turistas safados. (Americano)

Um país com um povo hospitaleiro; a maior potência da América Latina. (Chilena)

Que os brasileiros se orgulham muito de sua cultura; que é um país totalmente misturado. (Americana)

Um país de pessoas bonitas e talentosas musicalmente; um país com um conceito histórico e cultural forte, em especial por causa da sua história tão única e peculiar. (Americana)

As pessoas no Brasil são mais felizes e mais bonitas, a classe média é muito pequena, o Brasil tem mais jovens que a Alemanha, é uma grande mistura de raças, as pessoas têm mais filhos, os brasileiros são menos materialistas, a língua é difícil, há vários tipos de comida, os doces são muito doces e as frutas são diferentes e saudáveis. (Alemão)

Um povo que tem muito orgulho de ser brasileiro, que identifica-se com seu passado, sua cultura e sua história. (Americano)

Como podemos notar, algumas das respostas à primeira pergunta não fugiram totalmente do trivial, ou seja, renderam-se ao natural estranhamento ou costumeiro “maravilhamento” diante do diferente, do exótico. Outras, porém, evidenciaram um olhar estrangeiro muito mais aguçado e perspicaz, atento a fatos e características menos superficiais, deixando emergir uma certa maturidade, que por si só, vai muito além da constatação pura e simples de coisas novas.

Já em relação à segunda pergunta, algumas das respostas mostraram uma assertividade muito grande a partir de uma convivência mais direta com as pessoas nas suas comunidades, como declara um jovem alemão:

Minha impressão de um povo alegre e vivaz não mudou. Ao contrário, reforçou. Parece que o povo daqui leva a vida num ritmo mais lento – mais feliz.

Ou como declara um indiano em seu depoimento:

Conhecer o país e a cultura provocou uma mudança radical na minha forma de enxergar outras culturas, inclusive a minha própria. Até hoje me surpreendo com a facilidade com que o brasileiro tem de acolher o estrangeiro e dele se aproximar.

Por outro lado, constatações não ufanistas e, por isso mesmo não tão positivas sobre o “caráter do brasileiro”, também vieram à tona, como declara um dos australianos:

Para o gringo tido como frio, o estereótipo do brasileiro aberto e caloroso é apenas um estereótipo. O brasileiro é superficialmente afável, e um beijo e um abraço não se traduzem necessariamente em afetividade.

A visão que o brasileiro tem do próprio país também emergiu na fala de um australiano:

O brasileiro vive uma relação de amor e ódio com o Brasil. Ele adora enxergar o Brasil como o pior lugar do mundo.

E na resposta do cidadão da Malaia que afirmou:

A minha impressão de que o senso de patriotismo do brasileiro está restrito a futebol (e à Fórmula 1 na época de Ayrton Senna) continua cada vez mais forte.

Mesmo no caso de experiências bastante limitadas em termos de tempo de estada no Brasil, obtivemos respostas muito instigantes que denotam uma visão mais plural do mundo e julgamentos menos etnocêntricos, já que vários admitiram que muitos problemas tidos, não raro, como tipicamente brasileiros, tais como a violência, o tráfico de drogas, a prostituição infantil, entre outros, não são exclusivos do Brasil, como se pôde constatar através da resposta de uma americana, vivendo há apenas quatro meses no Brasil:

Desde que comecei a morar em Salvador, minha visão de insegurança mudou radicalmente. Quando não se toma os devidos cuidados, esta cidade é tão insegura como qualquer cidade em qualquer parte do mundo.

Nessa mesma linha, uma outra estudante americana, após três meses de Brasil, arremata com bastante propriedade que:

Nada mudou para mim porque eu nunca acreditei que o Brasil fosse nem perfeito nem horrível. Um país como outro qualquer com seus problemas e suas qualidades.

Um outro americano, declaradamente apaixonado pelo Brasil, relata o seguinte:

As notícias mundiais que aparecem na TV em outros países só têm coisas básicas sobre o Brasil, geralmente as negativas. Por isso, são mais sensacionalistas. Mulher pelada, policiais corruptos, crianças abandonadas, destruição de florestas. Essas imagens surgem como se fossem as únicas coisas do Brasil e que tudo isso só ocorresse lá. Claro que tem tudo isso no Brasil, mas não são diferentes de outros países e o Brasil não é só isso.

Já a chilena, morando em Salvador há muitos anos, oferece uma análise bastante madura do Brasil em certos aspectos, distanciando-se de uma perspectiva mais ufanista:

A educação tem melhorado, mas os benefícios só chegam para uma determinada classe social; as camadas mais pobres não conseguem usufruir das benesses que o progresso proporciona.

A questão do racismo apareceu de forma bastante contundente e todas as opiniões enfatizaram que ele tem uma face mais perversa que em outros países exatamente porque é dissimulado, como declara uma jovem universitária americana negra que participou do estudo:

Comprovei que no Brasil o racismo é tão silencioso quanto intenso.

A respeito desse racismo dissimulado, uma questão tão polêmica e tão criticada pelos estrangeiros, DaMatta (2004) afirma que,

As teorias racistas européias e norte-americanas do século XIX não eram tanto contra o negro, o amarelo (o oriental) e o vermelho (o índio), que também eram vistos como donos de qualidades positivas enquanto “raça”. O problema maior dessas doutrinas, o horror que declaravam, era, isso sim, contra a sua mistura ou miscigenação. Saber que tais teorias tinham esse horror à miscigenação é descobrir o ponto-chave que distingue o “racismo à européia” ou “à americana”, e o nosso conhecido, dissimulado e disseminado “racismo à brasileira” (DaMatta, 2004, p.20).

Quanto às manifestações populares, o carnaval e a música foram muito lembrados. Para os informantes, a comprovação de que o Brasil é um país rico culturalmente, principalmente a partir da influência africana na música, mostrou-se como algo marcante na cultura brasileira, como observa a estudante vietnamita:

É surpreendente a importância que a música tem para a cultura brasileira.

Como não poderia deixar de ser, algumas respostas remeteram à grande influência que a cultura americana ainda exerce nas pessoas no Brasil. O ponto não surgiu exatamente como uma surpresa, mas os informantes abordaram a questão num tom bastante crítico, como atestam os depoimentos de dois estudantes americanos:

Os brasileiros, em geral, se orgulham de sua cultura, exceto os mais abastados que parecem estar sempre preocupados com a cultura “pop americana”.

Eu não sabia que o desejo de imitar a cultura americana por parte de brasileiros era tão forte.

Em linhas gerais, um depoimento, sumariza de forma bastante sóbria o olhar sobre esse país tão diverso quanto desigual, e do qual muito pouco ainda se divulga e se conhece além de suas fronteiras, como destaca a informante do Chile:

O que comprovei é que o Brasil é um país formado por uma diversidade incrível, de culturas diferentes. Existem aqui muitos “brasis” e o que se fala e se conhece lá fora é muito pouco do que há nesse universo chamado Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, podemos, enfim, de acordo com as referências tomadas aqui como base, sintetizar a tipologia do “perfil do povo brasileiro” como se segue, deixando em aberto o século XXI tal como delineado pelos primeiros registros de estrangeiros:

Séc. XVI	⇒	bárbaro selvagem / bom gentio
Séc XVII	⇒	grosseiro / exótico
Séc XVIII	⇒	taciturno / alegre
Séc XIX	⇒	preguiçoso / vítima dos trópicos
Séc. XX	⇒	malandro / homem cordial
Séc XXI	⇒	???

Quanto ao século XXI, considerando que vários dos nossos informantes vêm diferentes modos de se *ser brasileiro* e não *mais uma única forma de se ser brasileiro*, forma essa geralmente idealizada ou mesmo caricata, surge uma tendência que esboça novas interpretações mais realistas, enxergando para além da imagem estereotipada os muitos “brasis”.

Assim, afinal de contas, quais seriam as *caras* do Brasil de hoje? Como sintetizar essas nossas contradições no século XXI? Como se constrói uma identidade nacional? Como um aglomerado de gente se transforma em um povo?

Em verdade, não é fácil falar com exatidão de um país continental e tão complexo como o Brasil. “São tantos brasis, tão incompletos, e cada pessoa que se engaja em tal tarefa, naturalmente, ancora-se em determinadas perspectivas que podem ser muito bem recebidas ou simplesmente gerar bastante controvérsia” (Siqueira, 2005). Seguindo a premissa em princípio provocadora, o jornalista Diogo Mainardi, que não tem talento algum para a conciliação, no seu racionalismo usual, ao abordar a questão da identidade nacional brasileira, ressalta que a nossa literatura é pobre, monotemática, e que não possuímos peculiaridade alguma: “somos um país amorfo, desinteressante, sem graça” (Mainardi, 2001, p.151).

Para Stuart Hall (2005), o conceito de identidade é complexo, pouco desenvolvido e mal compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Bem ou mal, temos sim, nossas peculiaridades, mas peculiaridades que não se manifestam necessariamente em todos os brasileiros. Infelizmente, por uma questão de contingência, ao longo da nossa história, sempre potencializamos (ou deixamos que fossem potencializados) os aspectos que viriam desvelar exatamente os aspectos negativos como o *jeitinho* e outros rótulos desagradáveis fundados em estereótipos, como a assunção do povo alegre, festeiro, brincalhão, despreocupado e pouco afeito ao trabalho.

Ora, somos mesmo esse povo alegre e festeiro em todos os quatro cantos do país ou somos nada mais que um bando de *macunaímas*, um povo sem caráter algum, reis da malandragem que desrespeitam as leis, que enganam a tudo e a todos e só pensam em se dar bem? Embora não possamos negar que essas são marcas com as quais fomos representados na gênese da nossa sociedade e a partir das quais ainda somos vistos, a equação de uma *identidade nacional*, principalmente na atual “modernidade tardia”, como bem salienta Hall (2005), não pode mais ser apontada de maneira tão simplista, uma vez que, para o autor, um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas e

isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, op. cit., p.9).

Assim, seguindo essa linha de pensamento, podemos facilmente afirmar que a idéia de se buscar uma identidade nacional única está mais que superada. Como aponta Harvey (1989 *apud* Hall, 2005, p.7), “as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença”, ou seja, “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é – identidades para os indivíduos” (Harvey, 1989, p.12). Tal afirmação serve para corroborar o argumento de que países, agrupamentos de pessoas e sociedades organizadas não podem mais acomodar premissas que nivelem seus membros a características únicas e, o que é pior, estáticas, como se fosse possível a serem humanos pararem de se transformar socialmente.

Na nossa busca por essa brasilidade, brasileira, *tupiquinidade* encontramos poucas certezas. Sabemos que nos deparamos com um *eu* nacional plural, que se fragmenta o tempo inteiro. Como seres viventes da modernidade tardia ou da pós-modernidade, seguimos, como diz Hall (op. cit.), erodindo a nossa identidade mestra e vivendo a emergência de novas identidades. Se viemos de uma mistura de três raças alegres ou “tristes”, conforme a letra de Belchior (1986), em *Retórica Sentimental (Moro num lugar comum/junto daqui, chamado Brasil/feito de três raças tristes/folhas verdes de tabaco e o guaraná guarani...)*, pouca diferença faz. Somos fruto, historicamente, de um “caráter brasileiro” que está (e não deve ser diferente) o tempo todo sofrendo mutação, condenando rótulos, abominando marcas indelévels, se rebelando contra a previsibilidade dos estereótipos. Vimos dessa mistura chamada Brasil, dessa herança carregada de imperfeições, dessa história repleta de controvérsia, injustiça, tensão, exploração, espoliação e superação. Nada diferente de tantas outras misturas pelo mundo afora com trajetórias semelhantes.

Temos, sim, as nossas singularidades, mas elas não se apresentam da forma que muitos as querem enxergar, fixas, monolíticas. Elas estão aí, presentes nas casas, nas ruas, nas relações sociais, nas tensões do dia-a-dia, nas manifestações populares, na alma de cada um de nós, em cada canto singular desse país continental. Elas apresentam e representam cada pedaço dessa terra chamada Brasil e estão o tempo todo se desfazendo e se refazendo, contestando todas as certezas. Se há nessa polêmica toda uma coisa certa é que existem muitos países dentro de um país, inúmeras identidades brasileiras com múltiplas e sempre provisórias peculiaridades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J. (1990) *Obra Poética de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro, Record, 2 volumes.

ANDRADE, M. de (1978). *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A.

SCHEYERL & SIQUEIRA – O Brasil pelo olhar do outro...

- ARROYO, L. (1963). *Pero Vaz de Caminha: carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus.
- AZEVEDO, F. de. (1963). *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 4ª ed. (4 Biblioteca Básica Brasileira).
- BARBOSA, W. N. (2004). In: DOMINGUES, P. *Uma História não contada: negro, racismo, branqueamento em São Paulo*. São Paulo: Senac.
- BOSI, A. (2004). *A Cultura Brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática.
- CAVALCANTE, R. (2005). A Cara do Brasileiro. *Super Interessante*, São Paulo, n. 217, p.68-74, set. 2005.
- CAVALCANTI, L. (2005). *Como a Corrupção abalou o Governo Lula: porque o presidente perdeu a razão e o poder*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (2007). *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- DAMATTA, R. (2004). *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. (1984). *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- FRANCO, A. A. de M. (1936). *Conceito de Civilização Brasileira*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, Série Brasileira, 5ª. Série, Vol. 70, Biblioteca Pedagógica Brasileira.
- FREYRE, G. (1963). *Casa Grande e Senzala*. Brasília: Universidade de Brasília, 4. ed., (7 Biblioteca Básica Brasileira).
- GIDDENS, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzien. São Paulo: Jorge Zahar Editor.
- GRUSINSKI, S. (2004). “O Brasil é um Laboratório”. Entrevista à Revista Nossa História. *Nossa História*, novembro de 2004. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, p.52-55.
- HALL, S. (2005). *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10ª. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. São Paulo: DP&A.
- HOLANDA, S. B. de (1963). *Raízes do Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília. 4. ed, 1963. (10 Biblioteca Básica Brasileira).
- LUFT, L. (2004). Brasil, mostra a sua (outra) cara. *VEJA*, São Paulo, n. 1880, p. 24, 17 nov. 2004.
- MAINARDI, D. (2001). Sem nenhum caráter. *VEJA*, São Paulo, n. 1715, p.151, 29 ago. 2001.
- MELLO FRANCO, A. A. de (1936). *Conceito de Civilização Brasileira*. São Paulo: Nacional, (Série Brasileira, 5ª Série, v. 70, Biblioteca Pedagógica Brasileira).
- PARANHOS, A. (2004). Ginga de malandro. *Nossa História*, Rio de Janeiro, n. 6, p.16-22, abril 2004.
- PRADO, P. (1962). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 6. ed., p.101-102, 112-113, 162.
- RIBEIRO, D. (1995). *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

- RIBEIRO, J. U. (1984). *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SIQUEIRA, S. (2005). Um Lugar chamado Brasil. Artigo apresentado como trabalho da disciplina LET 683, Representações Identitárias, do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da UFBA. Salvador (inédito).
- TOTA, A. P. (2000). *O Imperialismo Sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TURRA, C.; VENTURI, G. (orgs.) (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.
- VALLE, C. P. (2005). Celeuma Tropical. *Nossa História*, Rio de Janeiro, n. 23, p.64-68, set. 2005.
- ZANLORENZI, E. (1998). *O Mito da Preguiça Baiana*. Tese de doutorado em Antropologia. Universidade de São Paulo (inédita).

Recebido: 14/04/2008

Aceito: 24/09/2008